Garrett – Poesias.

(Fabulas, sonetos, Folhas cahidas.)

de J. J. Ribeiro

Faculdade de Letras de Coimbra
SALA FERREIRA LIMA
N.º 13.156

F.L. 1 1 28

F.L. 1 2 1 28

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
131784048X

F.l. 1/9 28

Fabulas e contos. — Sonetos.

Amor e vaidade.

Fabula

Já mais veloz corria o espaço urado
Que as horas marca o dia
O Deos q̃ atrae de Daphne
Infructuoso trabalho! — deraás gambias;
E aos braços d'Amphitrite ia mais cedo
Dos trabalhos da luz gosar nas trevas
Desejado descanço.
Iam seccando pelo prado as hervas,
E o verde-escuro dos frondosos montes
Amarello cahia;
Sentado ao pé do magueste(1) fogueira,
Vermelho e rubicundo
O bemdito e louvado San' Martinho,
— Que a cega antiguidade,
P. não tomar a bulla da cruzada,
ão jejuar aos dias de jejum,
acchô chamava em sua escandalosa
E misera ignorancia —
Bastas fazia navegar, nos mares
Da barriga santissima,
As tu chantes castanhas;
Banhos e quintas ao socego antigo
Despovoados tornavam;
Voava a folha, sibilava o vento

(1) Magueste, no dialecto da m.ª Provincia, é a fogueira em [illegible] castanhas nos dias marcados pelo ritual minhoto.)

E emfim, sem metaphoricas periphrases,
Era já meio outomno.
Amor, Cupido, ou Eros ou qual mais gostem
Dar-lhe baptismo ou chrisma,
Comtanto q. não chegue
A tanto o desafôro
Que ousem — como eu ouvi, por meus peccados,
Cô'estes q. a terra um dia
Ou o mar tem de comer —
Por louca affectação de Anglo-mania,
(O q. não fará o modas!)
Chamar-lhe em Portuguez... chamar-te Love
Amor pois ou cupido,
Que assim nossos avós sempre disseram
Em tempos venturosos
Que tudo se chamava por seu nome,
Que ás bellas se dizia
Em Portuguez sincero e sem malicia
O q. hoje é fôrça rebuçar no manto
De alegoria equivoca —
Amor, do rebuliço da cidade,
Do barulho enfastiado,
Farto já de frechar c'os aureos tiros
Os corações tam gastos,
Usados, velhos, estropiados, frouxos
Da gente q. a povoa,
Para o campo fugiu d'onde está hoje.
Lá nos singelos bosques,

Nas simplices cabanas
Singelos corações, simplices almas
Espera achar ainda
Em Daphnis e Amaryllis.
Por um ameno solitario valle,
Em seus projectos imbebido n'um eu,
Caminhava... eis da incosta d'um outeiro
Ve descendo gentil, e bella dama
Que bem no aimo enfeite,
No perluxo das modas,
Conheceu q. não era abitadora
Da rustica espessura.
Fugila quer; mas sentimento occulto,
Que entre nós cá na terra
Se diz curiosidade,
— Nem sei como no céo lhe chamão nomes! —
Sentimento imperioso
No sexo lindo q. nos doira a vida...
— Que a doira se gozar sabemos d'elle,
Que aos parvos a invenena —
Este o reteve, ou perdeu-lhe os passos.
Quem será? Quer sabêlo.
Ei-los juntos, e amor q. á bella dama
Cortezmente sauda:
— "No campo ainda e só, q.do á cidade
Apressurada corre toda a gente!
Tam delicada, tam formosa dama
Da quadra desabrida

Os insultos não teme?
Foge acaso o prazer da sociedade,
E vêntas mudas selvas
Vem por ventura, desgraçada amante,
Chorar na soledade?" —
Não gostou do cortejo e cumprimento
A nimpha bella, desdenhosa e dengue;
Offendida q. o nome lhe ignorassem,
Orgulhosa responde:
— "Conhece-me o universo; em toda a parte
Templos, altares tenho;
Domino os corações, governo as almas,
Sou uma deusa, e chamo-me Vaidade.
Por mim co'a morte, c'os revezes lucta
O guerreiro no campo;
E ante o espelho traidor consome a vida
A belleza q. aos annos se não rende;
Por mim o litterato sobre os livros
Curva a frente abrasada;
Por mim nos gestos, no fallar se estuda
O adamado peralta;
Por mim vivem contentes satisfeitos
Os q. menos razão teem de viverem;
E o mago meu poder se estende a tanto,
Que entre no seio m.mo aos q. me offendem,
Desprezam e injuriam.
Por meu influxo n'este proprio escripto
Em q. me insulta o sabio,

Corrige, apura o sabio o estylo, a penna,
Aos louvores armando.
Eu as superbas, elevadas cupulas
Ergo de vãos palacios;
E até na estancia gellida da morte,
Nas mentirosas lapidas
Gravo pomposas lettras
Que a inganado porvir levam memorias
De parvos, de maus reis, sandeus Tartufos,
De tonsuradas bêstas.
Eu em certa famosa academia
As charamellas tanjo;
As conclusões defendo,
Em vandalo Latim perôro ás turbas,
Tinjo a brilhante borla
Com q. as caveiras jumentaes adórno.
E enfim até d'amor perturbo o imperio:
Por mim, por meus auspicios,
A parvoa chusma dos galans mais parvos,
Dos tolos petimestres
Já do sexo gentil não quer favores;
Indiff'rentes ao gozo e á ventura,
Basta q. o mundo os tenha por felizes...
Por mim a dama desdenhosa e bella
Já não procura amores,
Nem de Venus suavissimos delleites,
Mas o gaudio maior, mais lisongeiro
De q. os outros a creiam

Cercada de servis adoradores,
De humildosos escravos..."
Ia por diante; mas o deus zangado,
Furioso a interrompe:
"— Basta; o numen d'amor sou eu: não entra
Tão facil em meu reino
Teu sacrilego pé: sobejas vezes
De muitos corações tenho extirpado
Teu petulante vicio.
Em vão esse hymeneu, q. deus se chama
E igual a mim se inculca,
Ousa pleitear commigo:
Os nós lhe quebro q. appellida sanctos,
E em seu templo introduzo
— Embora a testa doia
Aos miseros maridos —
Quem me apraz, q.m me segue, e a q.l eu quero.
Por mim se igualam desvairadas sortes,
Que as baixas condições uno ás mais altas.
Lidia, a orgulhosa Lidia
Que a ladainha dos avós impurra
A todo o instante e a todos,
Lidia q. nunca ri... é um tiro as pompas
E as sombras dos avós lhe desfiz n'alma:
Puni-a, fi-la escrava,
Fi-la escrava... e de q.m!.. do seu lacaio.
Togas, aureos bastões, borlas, espadas,
Mitras, coroas, toucas e capuzes

Ao meu imperio tudo está sujeito." —
Desdenhosa e sorrindo ouviu a deusa,
E em submissa ironia lhe responde:
"Pois bem: assim será; não valho nada
No coração das bellas.
Mas expliquem sem mim seu vario peito;
Isso q. o mundo appellidou capricho,
Que em sua alma domina,
Diz-me q. é? será sem causa o effeito?
Suas obras tam variaveis, tam confusas,
Com q. os amantes pasmam,
Não as deciphro eu só, de mim não partem."
Esquentou-se a questão: de novo os deuses
Pro e contra razões allegam e mostram.
E' cabeçudo amor, ella teimosa...
Não acabava nunca,
Ficariam na mesma,
Se o meio de findar contendas tantas
Não acordasse ás deusa:
"— Prescindamos" — clamou " de vãos palavras;
Argumentos deixemos;
Vamos a facto, e de nossas armas
Façamos experiencia."
Sahia a ponto do vesinho bosque
Pastorella innocente;
Alma inda nova e coração ingenuo,
No simples do vestido,
No mal composto dos cabellos louros

De sobejo mostrava:
Era toda ao pintar para a expiriencia.
Consentem ambos em provar, na bella
E timida pastora,
O poder de suas armas.
Jurou Amor de dar-se por vencido
Se de seus magos tiros
Podésse defendê-la a Vaidade.
Com ligeiro, placido semblante
E com doces palavras,
Tomando-a pela mão, a affaga a deusa;
Pungente frexa Amor no arco imbebe,
E mostrando-lhe a um tempo
Joven pastor q. dera inveja a Páris,
O tiro lhe dispara.
Voa a setta fatal... mas no momento
Em q. lhe toca o peito,
Subito a deusa aos olhos lhe apresenta
No mesmo instante crystallino espelho...
Pasma extasiada e fixa
A simplice donzella,
O semblante gentil contempla immovel;
Nem uns só volver d'olhos para o bello
Mancebo lhe escapou.
Surriu-se a deusa: Amor de invergonhado
De corrido fugiu.

Coimbra 1818 Garrett

A Saude e a Medicina

Fabula – 6ª

Já tenho meu Eloy, tudo immalado;
Fica até no bahu o estro fechado.
Mas antes de partir,
Quero contar-te um conto, q.e has de rir,
Hontem o incontrei
N'aquelle teu Pignotti tam magano;
E, se eu meu Portuguez não desbotei
As côres do Italiano,
Has-de-lhe achar a graça q.e eu lhe achei.
Vou abrir o bahu e venha o estro!
Sobre o canhão da bota,
Como dizer se usa,
Farei regrinhas curtas e compridas.
Botas... e esporas tenho já cingidas,
Montarei o Pégaso, q.e nem trota
Commigo, de esfalfado.
Eu muito descançado
Ahi me vou choitando,
E meu conto contando.
O Conto é da Saude e Medicina...
E tracta de te rir!
Que, se não ris, serviu-te a carapuça.
É um reles doutor de muita ruça
Doutor q.e se amofina
E não quer consentir
Que a pobre, atormentada humanidade

Se desforre uma vez co'a faculdade.
Jove, que fôra em Grecia tam temido,
Que imperava nos ceos, nos elementos,
Nos raios e nos ventos,
De moda emfim cahido,
O credito perdeu e está fallido.
Mas quando elle reinava
Viam-se cá n'este baixo mundo
Que o vulgo parvo afegurar ousava
Desdizerem de seu saber profundo:
E n'este ponto a grega theologia
Por desculpa dezia
Que, ao dar ordem a coisa tam soez
Como é d'esta vida o entremez,
Lhe cahem muita vez
Os oc'los do nariz;
E q. n'estes momentos
Tudo o q. faz e diz
É asneira — sandice por um triz.
Em um d'estes accessos macelentos,
Em q.^do de facto, do nariz divino,
E sem elle dar tino,
Tinham cahido os seus oculos bentos,
A' terra nos mandou,
Só para nosso bem, como julgou,
Duas boas divindades companheiras,
Ambas ricas herdeiras
De sua graça divina:

A saber, a Saude e a Medicina.
Na fôrça juvenil tinha uma délas
Ageis e vigorosos
Fortes os membros, cheios, musculosos,
Tintas de côr rosada,
Florida e engraçada
As frescas faces bellas;
E nos olhos tranquillos e gozosos
Tinha a indolencia com a paz pintada.
A outra de geito magro e macilento,
Cabello pouco, e o pouco d'alvo argento,
Com as faces rugosas descahidas,
As carnes reseguidas,
E em circulos de chumbo incaixilhados
Os olhos incovados
Nemoloros, vidrados.
Intrançada de malva e de chicoria
Ampla corôa a frente lhe cingia,
Como um splendor de glória;
E a negra sotana q. vestia
Rota, e cossada o pêllo, lhe luzia
Com erudita e sábia porcaria.
Aos hombros alquebrados,
Que a muita edade impêna,
Em forma de capuz junto ao toitiço
Assim como uns calções esfarrapados
De antigo, velho riço,
E da côr de bandeira em quarentena.

Num frangalho da tal cera amarella
Lhe pendia, á feição de bambinella,
Nas Cruzes de Aviz ou a Pollar estrêlla,
Vermelho Christo ou roxo San'Thiago,
Mas o instrumento amigo...
Certo tubo q. todos conhecemos,
Que no lubrigo pau escorregando,
Emquanto vai e vem assim brincando,
Ao nobre officio serve q. sabemos...
Cingida era de emtôrno
A venera pendente
De um magnifico adôrno
De pilulas, lancetas em pingente,
Sinapismos, ventosas,
Com q., a modo de pedras preciosas,
A nova ordem millitar fulgia,
De Esculapio em memoria e honraria.
A este sabio Mentor, Jove intregára
Em guarda a bella deusa das rotundas
Bochechas, rubicundas,
E mui severamente
Que em tudo a governasse, lhe mandára.
Ei-las, breve, a caminho:
E a deusa obediente
Submissa e reverente,
A sua mestra seguia
Como ao guardião faria
Um timido noviço capuchinho.

Mas, alguns passos dados,
A magra Medicina
Prega na outra os olhos encovados,
De admiração malina
Franze o sobrôlho esguio,
E tomando-lhe o pulso, em ar sombrio,
Com palavras q. ignoras,
Profano vulgo, graves, e sonoras,
Disse "— q. a robustez já muito athletica
Que lhe achava, a fazia mui plethorica,
E daria em pleurica ou phrenetica.
Provou-lhe mais com medica rhetorica
Que um excesso mui rude
Soffria de saude;
E para q. o mortoso estado mude,
E ella possa viver seguramente,
De todo era forçoso
Que tivesse o seu tanto de doente. —"
Disse, empunha a lanceta,
Fere um vaso venenoso,
E á pobre da pateta
Tres libras de sadio e generoso,
Vermelho sangue puro lhe sacou:
Muito menos a muitos já mattou!
Mas era a paciente
Tam pouco natural a estar doente,
Que á sua directora vigilante
De milhorar não deu signal bastante:

Pelo q. foi gravando, ás ordens della,
Nogenta beberagem amarella,
Fedorenta, asquerosa
Em dóse prodigiosa!..
Tanto, tanto bebeu,
Que a rebelde natura emfim cedeu.
O appetite, o vigor
Iam diminuindo;
E a brilhante côr,
A frescura das faces vai fugindo.
— "Bravo", gritava a outra em ledo aspeito
"Bravo, q. a arte vai fazendo effeito!" —
E temendo funesta recahida
Emquanto d'uma vez
Não tinha debellada e bem vencida
Do morbo a robustez,
Manda avançar as horridas catervas
Dos xaropes, conservas,
Seguros laxativos,
Fortes aperitivos...
Com tal força e podêr, q. a desgraçada
Em sua consciencia
De todo em todo se sentiu curada.
Mas com tanta sciencia
Tam eruditamente era trattada,
Por via de tão graves aphorismos
E agudos syllogismos,
Lardeados de Grego e de Latim,

Que até, morrer assim,
Morrer n'esta doçura,
Morrer tam sabiamte era ventura.
Da nossa bôa alumna, por má sorte,
Era estupida um tanto a natureza,
E romba de agudeza:
Graça a mais superfina
Que nos póde fazer a mão divina!
De tam ditosa morte
Não póde comprehender toda a belleza.
Cobrou medo a mofina
Da sciencia divina;
E, sem mais Deus-te-salve ou mais im bom,
Desanda-me a fugir, dando á cadrella
Por esse mundo fóra.
Larga a outra atraz d'ella
A correr... e correr, e correrá...
Mas nunca a apanhará.
E d'entaõ para cá
Ninguem mais se gabou
De q. juntas ou perto as encontrou:
Tal medo uma da outra concebeu,
Que aonde a Medicina appareceu,
É logo n'um momento
Foge a Saude mais veloz q. o vento.
Coimbra 1821

O Gallego e o Diabo.

Eu por mim gosto de contos,
Diga o mundo o que quizer,
E para mattar o tempo
Um conto quero escrever.
Mattar o tempo é preciso
Aos ignorantes — dirão;
Ao sabio sempre elle corre
Voando q. lento não.
Porem, amigo censor,
E quem me fez sabio assim?
Sou eu lente ou academico,
Pregador ou coiza afim?
Verdade é no quebra-costas
Minha vez escorreguei,
Fui preso por Verdeaes,
E á porta ferrea m...ei.
Mas q. doutor fiquei eu,
Se nunca o Martini li,
Se, o q. sube da instituta
E do dijesto, esqueci?
Sabenças para q. servem?
Bruxarias, eu t'arrenego!
Vou-me contar o meu conto;
E o meu conto é de um Gallego.
Era uma vez um Gallego
Boçal, felpudo e tanrudo,

Um Gallego em corpo e alma,
Em chancas, juizo e tudo.
Nunca lá das Gallileas
Sahiu cabeço tam romba
A alistar-se nas companhas
Dos bravos heroes da bomba.
Melena loira e comprida,
Azeitada e corredia,
Olho azul, pasmado e parvo,
Bôcca aberta, a barba esguia;
Calças d'abanante orelha,
Por onde fura o quadril;
Nos pés a frugante chanca,
Ás costas sacco e barril;
Eis-aqui a vera effigie
De Thiago Manuel Juan,
O mais fiel dos Gallegos
Que jamais comieron pan.
Em devoçaõ naõ fallemos,
Que n'isso era exemplar;
Deixára um prato de tripas
Para á missa naõ faltar.
Amiudo ia a confesso;
E nunca o domino pithon
Senaõ a rezar o terço,
Que nunca mais acabou.
Em duas ou tres igrejas
Era freguez de bazar;

O seu barril tinha a honra
De agua benta ás pias dar.
Tam devoto, tam modesto
Nunca houve outro Thiago;
Naõ ha memorias de ouvir-lhe
Nem uma só vez um ajo.
Um dia, á volta das onze,
Cançado de apregoar,
— Era em Julho, q. escaldava,
Um calor mesmo de assar! —
N'uma egreja de capuchos
O bom de Thiago entrava;
E a egreja tam fresquinha,
Que a oraçaõ convidava.
Por tendencia natural,
Instincto de chafariz,
Ajoelhou ao pé da pia,
Herdeira de seus barris.
Mal se tinha santiguado,
Isto é, se persignou,
Um berreiro destampado
Detrás de si escutou:
Era um membrudo capucho,
Destemido Ferrabraz
Que, a duros botes de estolla,
Brigava com Satanaz.
Tinha-se o demo incaixado
No bôjo d'uma beata

E d'alli se defendia
Como d'uma caça-matta.
Arripiaram-se as melenas
A Thiago no toitiço,
Pôz-se-lhe em pé no cachaço
Até o proprio choiriço.
Mas o ôlho arregallado
Em ponto de admiração,
Não se atrevia a tirá-lo
D'aquella horrivel visão.
Travava a descompostura
Do dize-tu, direi-eu...
Fallava o frade latim
Que nem o demo intendeu.
Satanaz é bom latino;
Ninguem lh'ó póde negar:
As syllabadas do frade
Faziam-n'o blasfemar.
Grita o frade: — "Abrenunci-ô!" —
E o cachorro do Asmodeu:
— "Assim não me deitas fóra;
Dize abrenuncio, sandeu." —
— "Latim sabe elle, o malditto..."
Disse o frade aos seus cordões;
Que os frades como os mãos mam,
Não fallam c'os seus botões:
"No latim me venceu elle,
E não fez grande façanha:

Elle é o diabo, e eu sou capucho!
Veremos se o faz na manha."
Ria o demo ás gargalhadas
Por ter o frade incovado;
E o capucho de velhaco,
Dava-se já por cangado,
Mas com a mão á caldeirinha,
Seng.º o pegue Satanaz,
Vai marcinho... e de repente
Prega-lhe a hyssopada — zaz!
Deu tal estoiro a beata,
Que parecia uma bomba...
Não era ella, era o demo:
Cheira a enxophre q.ᵈ tomba.
— "Eu te esconjuro maldito!"
Brada o frade em portuguez
(Que não quiz compromettêr
O seu latim d'esta vez)
"Eu te esconjuro maldito,
Que d'este corpo te vas,
E não tornes a entrar n'elle,
Negregado Satanaz!"
— "Vou-me" disse o porco-sujo
"Vou-me embora, Fr. Sandeu,
Que me escalda essa agua benta.
Mas para onde hei de ir eu?
— "Para onde?..." E deitando os olhos
A um lado d'improviso,

Deu o frade com Thiago
Que rebentava de riso.
Thiago de um grande medo
Passára a grande alegria;
E esfregando as mãos no sacco,
Como um perdido se ria.
Leitor não te escandelises;
Que o vêr logrado o demonio
Até fez perder de riso,
N'um sermão, a S.to Antonio.
— "Para onde?..." repete o frade
"Que me importa a mim o pespêgo?
Vai-te metter, se quizeres,
No c... d'aquelle gallego."
Conhecem-se os grandes homens
Nas grandes occasiões:
Thiago sem mais demora,
Deitou abaixo os calções;
E em menos tempo ainda
Do q.e o dêmo esfrega um ôlho,
Já na pia da agua benta
Tinha elle o seu de môlho.
Bate-me quatro palmadas
No rechonchudo do traz,
E diz-lhe: — "Agora, sô diabo,
Venha para cá, se é capaz."

1824

O Casquilho. = Fabula =
(janota)

Quem de Ovidio os contos leu
Certo inda tem na memoria
A mais curiosa historia
Que elle em seus contos metteu: –
– De como Jove indignado
C'uma nação de velhacos,
Para os não fazer em cacos
Os converteu em macacos.
Vendo-se assim humilhado,
Vem o povo castigado,
De contricto coração
A pedir perdão
Ao Deus q. fulmina o raio e o trovão.
Fazendo caretas, ganindo e guinchando
Lhe vinham bradando
Em mona e bugia:
– "Restaurai-nos, ó padre soberano,
O antigo vulto humano
C'o a perdida razão" –
O Tonante a quem passado
Era o primeiro furor,
Dos bugios ao clamor
Prestou ouvido apiedado;
Mas do macaco requerimento
Não despachou senão metade,
E o receito a Deidade

Mandou dispersar nas azas do vento.
Mal o acceno omnipotente
Troou na celeste abobeda,
A monaria contente
Se ergueu altiva, impavida;
Toda se impavezou
E repimpou;
E como gente
A andar por esse mundo se deitou.
O pêllo esfarripado,
Que as cabeças até lli lhes cobriçam,
Em lindos caracoes se debruçava
Agora pelo rosto transmudado.
Mas mudou por dentro o caco,
Que ficou sempre macaco;
E a cara por fóra
Tambem não mudou m.to dog.a fóra.
Os mesmos focinhos,
As mesmas caretas,
E os parvos ririnhos
E as fofas e as tretas.
Assim meios mudados, meios não,
Lhes fez o padre Jove um bom sermão,
E lhes mandou tomar
Ao pé da raça humana o seu logar.
O homem com desprezo o bicho olhou,
Nem siquer nome para dar-lhe achou,
Mas a m.er gostou

Da tal farofia de apparente brilho,
E á coiza pôz o nome de — Casquilho.
Londres 1829

Os Amantes generozos.

Conto = de A. J. Larcher.

Pois os mimosos sons da branda muza
Do tam gentil Bernard, na patria lyra
Ouveres ouvir suaves modulados,
E em bucolico trajo disputar-se um beijo
De Tempe os generozos Amadores,
As cordas ferirei por comprazer-te,
Cortar-lhe-hei galas dos pastores ufanos;
Na lingua de Camões se posso tanto,
Virão aqui a suspirar d'amores,
E os echos destes valles mais sinceros
Te dirão suas fallas namoradas.
Tu, q.e es meio francez, meio germano,
Que á meija Deshoulliers canções tam finas,
Que a Gesner mais singelo ouviste o canto
Na propria avena de seus tons cantado,
Se os teus pastores nas ribeiras ufanas,
N'estas suaves margens do Mondego
Vires differentes, desmudada a graça,
E alternando seu arte a cantillena
Que em seu patrio idioma foi tam bella,
A ti só, q.e o quizeste, imputa o êrro,
Nem a coimes á lingua tam formosa

o desprimor e as faltas do poeta.
Junto aos valles de Tempe, amena estancia,
Mansão querida de Pomona e Flora,
O jovem Hylas, Égle inda mais jovem,
Ambos loucos d'amor, amor se occultam.
A um terno olhar suas fallas se limitam.
Sua chamma constrangida mais se exalta.
O innocente pastor fallar não ousa,
Nem q. fallasse, a simples a intendêra.
Mas tarde ou cedo, se o desejo a inflamma,
Amestram a innocencia amor e a edade
Tirou-os d'este nada em q. jaziam
O acaso um dia. A' sombra da espessura,
Tam bella, ou mais q. amor, Égle dormia,
Hylas a encontra, e os olhos namorados
Para admirál-a não lhe bastam ambos.
— "Venus" exclama "eu tibio em teu serviço
Quero implorar-te: dá-me q. estes labios,
Em quanto aqui, na selva Égle descança,
Possam nos seus colhêr suave beijo.
E eu te juro, ó divina Cytherea,
Que em trôco lhe darei dous mansos pombos
Muito mais lindos q. os q. tens em Chypre"
O voto fez-se; o beijo foi colhido.
Fingido somno approveitou á bella,
E, á noite o preço recebeu do voto.
Veio outro dia, e Égle a dormir sempre...
Mas não dorme o pastor: "D.ª dos amores,

Ver alli quanto adormiente mundo.
Ah, de tanta belleza, tantas graças
Consente q. uma só eu goze ao menos.
Se eu podesse — sem q. Égle o presentisse,
Sob o lenço invejoso ir c'a mão tremula
Tocar n'aquelles candidos thesoiros,
Dar=lhe-hia pelo roubo tam secreto!
O cordeirinho q. entre os meus mais quero.
Oh! adormece, amor, Égle formosa!"
O mais profundo somno Hylas incontra.
Viu, tocou, apalpou, beijou cem vezes
O seio d'Égle, q. retem manhosa
Até o respirar; e a somno solto
Mais dormia... quanto elle mais ousava.
Contou=lhe no outro dia a vir ao bosque,
Timida ainda e vergonhosa a bella;
Mas veio emfim... foi só curiosidade,
Tinha curiosidade — era o q. tinha —
De saber q. presente aquelle dia
Lhe faria o pastor; veio. Após ella
Hylas veio tambem: — "Eternos deuses,
Aqui a incontro! oh concedei=me agora
Um ultimo favor, q. nos seus braços
Eu goze emfim dos seus incantos todos.
Ah! vós bem o sabeis: eu nada tenho,
Mais nada já do q. o meu cão — e dou-lh'o."
Oh q. pesado somno Égle dormia!
E é bem de ~~crer~~ crer q. o instante em q. o mancebo

No extasi do prazer fechára os olhos,
Os lindos olhos d'Égle não se abriram:
Mas o sonho acabou... e despertaram.
O pastor embrenhou-se na espessura
E o cãosinho fiel ficou com a bella.
Encontraram-se á tarde, envergonhados...
A pastora corou, elle suspira...
Sós se acharam, sem medo, sem receio...
Ao amante a cordada Égle se entrega,
Acha mais doce nos dormir agora,
E toda a embriaguez do Amor conhece:
Quantos dons do pastor Égle recebe,
Com dulcissima usura os restitue.
Mas as antigas dadivas pesavam
A' pastora gentil: — "Seiq. te devo
Duas pombinhas q. uma vez me déste
E se me ellas fugirem! vivo sempre
N'este receio! Toma-as lá, e o preço
Que por ellas te dei tambem m'o torna."
Surriu-se o joven, e pagou-as... ambas.
Um momento depois o cordeirinho
A' pastora lembrou: — "Tanto te quero,
E hei de-te privar do q. mais amas?
Tam bonito! era a tua companhia,
Comia-te nas mãos! Nada, não quero:
Recebe-o, q. t'o dou." E o cordeirinho
Foi restituido. O Cão só lhe restava:
Novas razões, e emfim ordem por força

De acceitar outra vez o seu rafeiro:
—"Não tens mais q. um; é guarda do rebanho,
Recebeo, — doce amante, e ainda em cima,
De fóra parte te heide dar um beijo.
Eu não quero mais dadivas querido;
Com o teu coração estou contente."
Oh! taes dons para dar custaram pouco,
Mas o preço da entrega era dobrado...
O pastor afroixou; negocio serio
Veio por fim a ser o tal brinquedo.
Ao pé de Eglé acordada Hylas dormia...
E ella q. mais pretextos já não tinha,
A suspirar dizia tristemente:
"Não me dar elle todo o seu rebanho!"
1821

Soneto = Camões naufragado.

Cedendo á furia de Neptuno irado
Sossobra a nau q. o gran thesoiro incerra;
Lucta com a morte na espumosa serra
O divino cantor do Gama ousado.

Ai do canto mimoso á Lysia dado!..
Camões, grande Camões, embalde a terra
Teu braço forte, nadador afferra
Se o canto lá ficou no mar salgado.

Chorae, Lusos, chorae! Tu morre, ó Gama,

Foi-se a tua gloria… Não; lá vai rompendo
Co'a dextra o mar, na sestra a bem fama.

Eterno, eterno ficará vivendo:
E a torpe inveja, q. ainda agora brama,
No abysmo cahirá do Averno horrendo.
1815

A flôr secca.

Vai, flor gentil, vai prenda suspirada,
Doce mimo d'amor terno e fagueiro,
Vai, q. elle mesmo grato e prazenteiro
Elle te hade levar á minha amada.

Cumpre a q. ella te impoz q. é lei sagrada:
Se mudada te achar, sem côr, sem cheiro,
Se o viço, a gala do verdor primeiro
Em tuas pallidas folhas vir crestada,

Diz-lhe q. mais q. até, mais me queimára
O intenso ardor d'aquella saudade
Que a ambos neste estado nos deixára.

Oh! se um benigno influxo de piedade
De teus formosos olhos te orvalhára…
Qual de nós ambos reviver não hade?

1819

Saudade

Seculos são, na vida que infastia,
Estes dias de exilio amargurados;
Um por um, mágoa a mágoa, vás contados
Em lenta e crudelissima agonia.

Oh! roubemos-lhe ao menos este dia,
Ao padecer q. todos vás roubados;
Sejam pela amizade consagrados
Ao casto Amor instantes de alegria.

Tem prazeres tambem a desventura:
A propria carrancuda adversidade
Sorri co'a esperança q. lhe luz futura.

Vem, amigo, no seio da amizade
Festeja a epóca, sonha co'a ventura
Que um dia hade mattar tanta saudade.
1828

Adeus, mãe!

— "Adeus mãe! adeus, querida,
Que eu já não posso co'a vida,
E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus!.. Assim,
Juncta os teus labios aos meus,

E recebe o ultimo adeus
N'este suspiro... Não chores,
Não chores: aquellas dores
Já dinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim
Juncta os teus labios aos meus...
Um beijo — um ultimo... Adeus!"

E o corpo desanimado
No collo da mãe cahia;
E ella o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quasi a sorrir, dizia:
— "Que tem este filho agora,
Que tanto pésa? Não posso..."
E uma a uma, osso por osso,
Com a mão tremula tenta
As mãosinhas descarnadas,
As faces cávas, mirradas,
A testa inda morna e lenta.
— "Que febre, q. febre!" diz;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo q. ha mão lhe occorreu,
Tudo — menos q. morreu.
Como nos gelos do norte
O somno traidor da morte
Engana o desfallecido

Que imagina adormecer,
Afinal cançado, esvahido
De tam longo padecer;
Já não ha no coração
Da mãe força de sentir;
Não tem já lume a razão
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda vêr a eça armada,
As luzes q. ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a psalmear?..
Vamos q. a hora é chegada,
É tempo de a amortalhar.

E os anjos cantavam:
"Alleluia!"
E os sanctos clamavam:
"Hosana!"—

Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do ceu;
Todos lhe bradam: —"morreu!"
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar

E os padres a rezar,
E ella ainda a accalentar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais confôrto,
Mais socêgo neste mundo
Que o jazigo humido e fundo
Onde hade ir a sepultar.

Levaē, ó anjos de Deus,
Levae essa dôr aos ceus.
Com a alma do innocente
Aos pés do Juiz Clemente
Ahi fique a sancta dor
Rogando á Eterna Bondade
Que estenda a immensa piedade
A quantos peccam d'amor.

Garrett

Ave, Maria!

Maria, doce mãe dos desvalidos
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, senhora, os meus gemidos,
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vôa, ó Maria,
Pela filha innocente.

Com sua debil voz q.e balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ella já sabe erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos ceus
O pão de cada dia. As preces minhas
Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus q.e é teu filho e tens nos braços,
Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
Da velha humanidade;
Deixe de mim todo outro pensamento
E vãa tenção da terra;
Outra glória, outro amor, outro contento
De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o filho q.e te implora
Pela filha querida.
De mais tenho vivido, e só agora
Sei o preço da vida,
Desta vida tam mal gasta e prezada
Porq.e ~~[illegible]~~ minha só era...
Salva-a, q.e a um sancto amor está votada,
N'elle se regenera.

Folhas cahidas

Antes q. venha o hynverno e disperse ao vento essas folhas de poesias q. por ahi cahiram, vamos escolher uma ou outra q. valha a pena conservar, ainda q. não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu já as últimas recordações da minha vida poetica. Enganei o público, mas de boa fé, porq. me enganei primeiro a mim. Proteitos de poetas q. sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com louro – ás vezes imaginario, porq. ninguem os côroa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos q.do publiquei certo poema, e jurei q. eram os ultimos versos q. fazia. Que juramento!

Se dos meus riem, teem razão, mas saibam q. eu tambem primeiro me ri delles.

Poeta na primavera, no estio e no outomno da vida, heide sê-lo no hynverno se lá chegar, e heide sêlo em tudo. Mas d'antes cuidava q. não, e nisto ia o erro.

Os cantos q. formão esta pequena collecção pertencem todos a uma epocha de vida intima e recolhida q. nada tem com as minhas outras collecções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta diante do público. Das folhas

calidas ninguem tal dirá, ou bem pouco in=
tende de stylos e modos de cantar.
Não sei se são bons ou maus estes versos;
sei q. gósto mais delles do q. de nenhuns ou=
tros q. fizesse. Porque? É impossivel dizê-lo,
mas é verdade. E como nada são por elle
ou para elle, é provavel q. o público sinta
bem diversamente do auctor. Que importa?
Apesar de sempre se dizer e escrever ha cem
mil annos o contrário, parece-me q. o me=
lhor e mais recto juiz q. pode ter um escriptor,
é elle proprio, quando o não ceja o amor pro=
prio. E eu sei q. tenho os olhos abertos, ao me=
nos agora. Custa-lhe a uma pessoa, como
custava ao Tasso, a queimar os seus versos,
q. são seus filhos; mas o sentimento pater=
no não impede de ver os defeitos das crian=
ças.
Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-
os Ignoto deo. – E o deus q. os inspirou q. os
anniquille se quiser: não me julgo com direi=
to de o fazer eu.
Ainda assim, no ignoto deo não imagi=
nem alguma divindade meia-velada
com cendal transparente, q. o devoto está
morrendo q. lhe caia para que todos a ve=
jam bem clara. O meu deus desconheci=
do é realmente aquelle mysterioso, occulto

e não-definido sentimento d'alma q. a le-
va ás aspirações de uma felicidade ideal,
o sonho de oiro do poeta.

Imaginações q. por ventura se não realiza
nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é
talvez da palavra q. é abstracta de mais.
Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ain-
da coisas mais materiaes, como o frio e
o calor, não são senão estados comparati-
vos, approximativos. Ao infinito não se
chega, porq. deixaria de o serem se chegan-
do a elle.

Logo o poeta é louco, porq. aspira sempre
ao impossivel. Não sei. Essa é uma dis-
putação mais longa.

Mas sei q. as presentes Folhas cahidas
representão o estado d'alma do Poeta
nas variadas, incertas e vacillantes os-
cillações do espirito q., tendendo ao seu
fim unico, a posse do ideal, ora pensa
tê-lo alcançado, ora estar a ponto de che-
gar a elle — ora ri amargamente por-
que reconhece o seu engano — ora se des-
espera de raiva impotente por sua credu-
lidade van.

Deixae-o passar, gente do mundo,
devotos do podêr, da riqueza, do mando,
ou da gloria. Elle não intende bem isso

e vós não intendendeis nada d'elle.

Deixae-o passar, porq.e elle vai onde vós não ides; vai, ainda q.e zombeis d'elle, q.e o calumnieis, q.e o assacineis. Vai, porq.e é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Eu só morrerá d'elle aquillo em q.e se pareceu e se unio comvosco. E essa falta q.e é a mesma de Adam, tambem será punida com a morte.

Mas não triumpheis, porque a morte não do corpo q.e é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

Janeiro de 1853.

Garrett.

Poesia 5.a das Folhas cahidas ——— ⊗

(+) O anjo cahido.

Era um anjo de Deus
Que se perdera dos ceus
E terra a terra voava.
A setta q.e lhe acertava
Partira de arco traidor,
Porque as pennas que levava
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido
E se viu aos pés rendido
Do tyranno caçador.
De asa morta e sem esplendor
O triste, peregrinando
Por estes valles de dôr,
Andou gemendo e chorando.

Vi-o, eu, o anjo dos ceus,
O abandonado de Deus,
Vi-o n'essa tropelia
Que o mundo chama alegria,
Vi-o a taça do prazer
Pôr ao labio q.e tremia...
E as lagrimas beber.

Ninguem mais na terra o via,
Era eu só q.e o conhecia...

Eu que já não posso amar!
Quem vi-o havia de salvar?
Eu, que n'uma sepultura
Me fôra vivo interrar?
Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos ceus
Faltava um anjo ao seu Deus;
E remi-lo e resgatá-lo,
D'aquella infamia salvá-lo
Só força de amor podia.
Quem d'esse amor ha de amá-lo,
Se ninguem o conhecia?

Eu só! — Eu morto, eu descrido,
Eu tive o arrôjo atrevido
De amar um anjo em luz.
Cravei-a eu nessa cruz
Minha alma que renascia,
Que toda em sua alma puz.
E o meu ser se dividia,

Porque elle outra alma não tinha,
Outra alma senão a minha...
Tarde, ai! tarde o conheci,
Porque eu o meu ser perdi,
E elle á vida não volveu...

Mas da morte q. eu morri
Tambem o infeliz morreu.

Seus olhos.

Seus olhos – se eu sei pintar
O que os meus olhos cegou –
Não tinham luz de brilhar,
Era chamma de queimar;
E o fogo q. a ateou
Vivaz, eterno, divino,
Como facho do Destino.

Divino, eterno! – e suave
Ao mesmo tempo: mas grave
E de tam fatal podêr,
Que, um só momento q. a vi,
Queimar toda a alma senti...
Nem ficou mais de meu ser,
Senão a cinza em q. ardi.

A Jovem americana

Donde é que te eu vi, donzella,
Dog.ᵉ eras tu n'esta vida
Quando não tinhas vestida
A fórma de virgem bella
Que ora te vejo trajar?

Estrêlla foste no ceu,
Serias no prado flor?
Ou, no diaphano esplendor
De q.ᵉ Iris faz o seu veu,
Estavas, Silpha, a bordar?

Não houve poeta ainda
Que te não visse e cantasse,
Mulher q.ᵉ não te invejasse,
Nem pintor q.ᵉ a face linda
Te não fosse copiar.

Seculos tens. — E ah!.. já sei
Quem és, quem foste e hade ser:
Bem te eu estava a conhecer
Quando primeiro te olhei
Sem te poder estranhar.

Com Deus e c'o a liberdade
De nossas terras fugiste
Quando perdidos nos viste,
E te foste á soledade
Do novo-mundo acoitar.

Pois que ora piedosa vens
E nos sentes resurgir,
Oh! não tornes a fugir,
Que melhor patria não tens
Nem q. mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos
Hoje e sempre: teus amigos
Somos na lealdade antigos,
E no ardor novos seremos,
No desvêllo em te adorar:

Porque tu és o Ideal
Da só belleza — do Bem;
Não és estranha a ninguem,
E de ti só foge o mal
Que te não póde incarar.

16 das folhas Cahidas

— Preito —

É lei do tempo, senhora,
Que ninguem domine agora
E todos queiram reinar.
Quanto vale n'esta hora
Um vassallo bem sujeito,
Leal de homenage e preito
E facil de governar!

Pois o tal sou eu, senhora:
E aqui juro e firmo agora
Que a um despotico reinar
Me rendo todo n'esta hora,
Que a liberdade sujeito...
Não a reis! — outro é meu preito:
Anjos me hão de governar.

Folhas Cahidas.

Ignoto Deo.

D. D. D.

Creio em ti, Deus: a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És: o q. és não sei. Deriva
Meu ser do teu: luz... e treva
Em q. indistinctas! – se involve
Este espirito agitado,
De ti vem e a ti devolve.
O nada q. foi roubado
Pelo sopro do creador
Tudo o mais, o hade tragar.
Só vive de eterno ardor
O q. está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veio.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti; o ôlho nu
Do homem não vê na terra
Mais q. a duvida, a incerteza,
A forma q. engana e erra.
Essencia! a real belleza

O Puro amor — o prazer
Que não fadiga e não farta...
Só por ti o pode ver
O q.e inspirado se affasta,
Ignoto Deo, das rasteiras,
Vulgares turbas: despidas
Das coisas vans e grosseiras
Sua alma, vasãos sentidos,
A ti se dam, em ti vida,
E por ti vida tem. Eu, consagrado
A teu altar me prostro, e a combalida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma q.e a ti vôou, e em ti só espera.

= 1.a Adeus =

Adeus! para sempre adeus!
Vai-te, oh! vai-te, q.e n'esta hora
Sinto a justiça dos Ceus
Esmagar-me a alma q. chora.
Choro por q.e te não amei,
Choro o amor q.e me tiveste;
O q.e eu perco bem no sei,
Mas tu... tu nada perdeste:

Que este misero coração meu
Nos secretos escaninhos
Tem o veneno tão daninhos
Que o seu poder só sei eu.

Oh! vae... pr. sempre adeus!
Vae q. á justiça nos Ceus.
Sinto gerar na peçonha
Do ulcerado coração
Em vibora medonha
Que por seu fatal condão
Ha de rasgal-o ao nascer:
Ha de sim serás vingada
E o meu castigo ha de ser
Ciume de ver-te amada,
Remorso de te perder.

Vai-te, oh! vai-te longe, embora,
Que sou eu capaz agora
De te amar — Ai! se eu te amasse!
Vê se no arido pragal
Deste peito se ateasse
De amor o incendio fatal!

Mais negro e feio no inferno
Não chama já o fogo eterno.

Que sim? Que antes isso? ai triste!
Não sabes o q. pediste.
Não te bastou supportar
O cepo-rei; impaciente
Tu ousas ainda tentar
Pedindo-lhe o rei serpente!

E cuidas amar-me ainda?
Enganaste: é morta, é finda
Dissipada é a illusão.
Do meigo azul dos teus olhos
Tanta lagrima vertestes!
Tanto esse orvalho celeste
Derramado o viste em vão....

Nesta seara de abrolhos
Que a fonte seccou. Agora
Amarás... sim, hade amará,
Amar deves... M.to embora...
Oh! mas n'outro hade sonhar

Os sonhos d'oiro encantados
Que o mundo chama amores.

. . .

E eu réprobo... eu se o verei ?..
Se em meus olhos enlevados
Ler a luz de teus ardores...
Se com elle cegarei ?..
Se o mundo depois mentidas
Me entrar pelo vão do ido...
Se, ao ver que feliz delirás,
Tambem eu sonhar... Perdido,
Perdido serás — perdido !

. . .

Oh ! vai te, vai longe, embora !
Que te lembre sempre e agora
Que não te amei nunca... ainda;
E q. perde a sangue frio,
Covarde, infame, villão,
Grosar te — mentir sem brio,
Sem alma, sem Deus, nem pejo
Commettendo em cada beijo
Um crime... ai ! triste, não chores,
Não chores, anjo do ceu,

Que deshonrado sou eu.

Perdoar-me tu?.. Não mereço.
A immundo credo vivaz
Essas perolas de preço
Não as deites: é expor
De as desprezar na torpeza
De sua bruta natureza.
Irado, te hade admirar,
Respeitoso, respeitar,
Mas indulgente... oh! o perdão
E perdido no villão,
Que de ti hade zombar.

Vai, vai... para sempre adeus!
Para sempre a's olhos meus
Sumido seja o clarão
Da tua divinal estrella.
Faltão-me olhos e razão
Para a vêr, para entendel-a:
Ella está no firmam.to
Conq. má terra a fitei
De mais e de mais é bella

3

P.ª a baixo pensam.to
Falso vil o encantam.to
Com q. a luz lhes fascinei.

Que volte a sua belleza
Do azul do ceu a pureza,
E q. a mim me deixe aqui
N'as ~~em~~ trevas em q. nasci,
Trevas negras, densas, feias
Como é negro este aleijão
D'onde me vem sangue ás veias
Este q. foi coração,
Este q. a morte não sabe
Porq. é só terra — e não cabe
N'elle uma ideia do ceu..
Oh! vai, vai; deixa-me, adeus!

Quando eu sonhava 2.º

Quando eu sonhava, era assim
Que nos meus sonhos a via;
E era assim q. ~~me~~ fugia,
Apenas eu despertava.
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar.

Agora q. estou desperto,
Agora a vejo pisar...
P.a q.m? q.de era vaga.
Uma idéia um pensam.to,
Um raio de estrella incerto
No immenso firmam.to
Uma chymera um vão sonho,
Eu sonhava; – mas vivia:
Prazer não sabia o q. era,
Mas dôr, não n'a conhecia....
....
Aquella noite – 3.a
Éra noite de loucura,
Da seducção, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura
Tantas glorias esconder.
Os felizes!... ai! são tantos!...
– Eu por tantos os contava!
Em q. o signal de meus prantos
Do afflicto rosto lavava –
Os felizes p.r q.m passava
Tam nos echos ruidosos
Correndo aos sallões doirados

De mil fogos alumiados
D'onde em torrentes sahia
A clamorosa harmonia
Quis á festa, ao prover tangir

Eu sentia esse ruido
Como o confuso bramar
De um mar ao longe mugido
Que a praia vem rebentar:
E disse comigo: - Vamos
Os lutos d'alma dispamos,
A' festa heide ir tambem eu!..

E fui: e a noite era bella
Mas não via m.ª estrella
Que eu sempre via no ceu.
Cobriu-a de espesso véo
Alguma nuvem a ella,
Ou era q.' já vendado
Me levava o negro fado
Onde a vida me perdeu?..

Fui; meu rosto mascarado;

Aprendi melancolia
Que todo o meu ser devia,
Qual o ataude levado
Aos egypcios festins, dizia:
— Como vós fui eu tambem;
Folgae, q a morte ahi vem!
Dizia-o, sim, meu semblante,
Que onde eu chegava, o prazer
Cessava no mmo instante;
E o labio q. ia atrever
Doçuras de amor, gelava;
E o riso q. ia a nascer
Na face linda expirava.
Era eu — e a morte em mim,
Que só ella espanta assim!

Qtas mulheres tão bellas
Ebrias d'amor e desejos,
Qtas vi saltar-lhes os beijos
Da bocca ardente e lasciva Qu
E eu q. ia chegar-me a ellas...
Por logo a fronte esquiva
De recatos se involvia

E, todo poder, tremer.

Quero o seio anhelante,
Nú, ardente e palpitante
Andarão como entregando
A' ambição mal desperta,
Gasto já e desdenhoso,
Dos q. acceitarão mirando
Com vaga luneta incerta
Que diz: Aquella é formosa,
Não se me dava de a ter.
Tento?... E só homens
Valle menos q. a riqueza
Não sei a qual attender.

E a isto chamão prazer!
Aonde ventura é esta?
Val apenas vir á festa
E val apenas viver.
Como então quem atristam
O meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado

Levantei alto a cabeça,
Senti-me crescer — e a fronte
D'escarneo via-se contente.
Do seio nenhum espesso
Que apontava aquella gente.
Logo os sorrisos cahirão
P.ᵃ o meu lado tambem;
Q.ᵒ como um dos seus me virão,
Que em mim não virão ninguem.
Eu, de olhos desencantados,
Achei-as como ellas vião
Meus enthusiasmos passados
Oh! como eu d'elles me ri!
Frio o sarcasmo sahir
De meus labios descorados,
E sem dó e sem pudor
A todas fallei d'amor...
Do amor bruto, degradante
Que no seio palpitante
Há espadas vivas e acende...
Amor lascivo q. offende,
Que faz corar... ellas rião
E oh! q. inas, não se offendião.

Mas a orchestra bradou alto:
— Forte aperto! e salto, salto!
Os reusquinos delirantes
Sacode louca a folia ...
Adeus, requebros d'amantes!
Suspiros, q[ue] vos ouvia?
As palavras meias ditas,
~~Meias~~ nos olhos escriptas,
Voavão todas perdidas,
Dispersas, soltas ao ar, —
Que se forão almas, vidas,
Tudo se foi a walsar.

Que é isto? mais voltas
Gyro, gyro uma espiral?
Com as roupas leves, soltas
Aereas levão a ondular
Em torno á forma graciosa,
Tão flexivel, tão airosa,
Tão fina! agora parou,
E tranquilla se assentou.
Que rosto! Em linhas severas
Adivinha d'esta gente,

Como a levante insolente!

Vive Ob.? é ella...: aquella,
Aq.e eu vi nestas janellas,
E q. triste me sorria
D.e passando me via
Tão formosa a olhar p.r ella.
Ainda melancolia ~~nos olhos~~
Nos olhos tristes — de luz,
~~de luz~~ Obliqua, viva mas fria,
Ainda alta intelligencia
Que na face lhe transluz;
E mesma altiva impaciencia
Que de tudo, tudo cansa,
De tudo q. foi, q. é,
E na sua vida só vê
Ainda a vaga esperança.
— "Pois isto tens q. é m.to"
Disse eu — "é aqui ha q. vez."

Já vinha a pallida aurora
Annunciando a manhan fria,
E em fallar e cumuvia
q. até aquella hora

Nunca dize, nunca ouvi...
Toda a memoria perdi...

. . . .

As palavras proferidas...
Não erão destas sabidas,
Nem quaes erão não no sei...
Sei q. a vida era outra em mim...
Que era outro ser o meu ser,
Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabia no ter.

E dahi... E dahi, a historia
Não deixou outra memoria
Dessa noite de loucura,
De seducção, de prazer...
Que o segredo da ventura
Não sou por dizer:

O Album 5º

Mª Julia, um conselho d'amigo;
Deixa em branco este livro gentil:
Uma só das memorias da vida
Val apena guardar entre mil.

E n'esse alem em silencio guardado
Pelo vinão do mysterio a se ver;
Que não tem lingua humana palavra,
Não tem letra q. a possa escrever.

Por mais belo e variado q. seja
De uma cor o tecido matiz
Um só fio de tella bordado
Um só fio houve ser o feliz.

Tudo mais é illusão, é mentira,
Brilho falso q. um tempo seduz,
Que apaga, q. morre, q. é nada,
Quando o sol verdadeiro reluz.

O q. serve guardar os monumentos
Das ~~esperanças~~ enganosas q. a + ~~q. forjou~~ l...
Vãos reflexos de um sol q. tardam
Ou vans sombras de um sol q. passou,

Crê-me Julia: mil vezes na vida
Eu com a m.ª ~~vida~~ ventura sonhei,
E uma só, d'entre tantas, a quiz,

Uma só cá na verdade encontrei.

Esta entrou-me pela alma tão firme,
Tão segura por dentro a fechou,
Que o passado fugio da memoria
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois Julia bella, o conselho:
Deixa em branco este livro gentil,
Que as memorias da vida são nada,
E uma só se conserva entre mil.

Saudades 6ª

Leva este ramo, Pepita,
De saudades portuguezas
E flor nossa, e tão bonita
Não n'a ha n'outras devezas.

Seu perfume não seduz
Não tem variado matiz,
Vive á sombra, foge á luz,
As glorias d'amor não diz;

Mas na modesta belleza

De sua melancolia
E tão suave a tristeza
Inspira tal sympathia!

E tem um dote esta flor
Que outra igual se não diz:
Não perde viço ou frescura
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com tudo o q. as outras mata;
Até ás vezes mais cresce
Na terra q. é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,
Que te não devo esconder:
Plantada no coração
Pode outra flor fazer morrer.

E se o quebranto e tristezas
Com as raizes mofinas,
Mais ella tem brilho e graça,
É como a flor das ruinas.

Não, Pepita, não te doa...
Fiz mal em dar-te essa flor,
Que eu sei o q. me custou
Tratal-a com tanto amor.

Este Inferno d'amar 7.º

Este inferno d'amar como eu amo!
Quem mo pôz aqui n'alma... q. foi?
Esta chama q. alenta e consome,
Que é vida, e q. a vida destrói —
Como é q. se veio atear,
Q.do — ai, q.do se hade ella apagar!...

Eu não sei, não me lembro: o passado,
A outra vida q. d'antes vivi
Era um sonho talvez... — foi um sonho —
Em q. paz tão serena a dormi!
Oh! q. doce q. era aquelle sonhar...
Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembro q. um dia formoso
Eu passei... dava o sol tanta luz!
E os meus olhos q. vagos giravão,
Em seus olhos ardentes os puz.

Que fez ella? — eu q. fiz? — Não sei;
Mas nessa hora em a viver comecei...

Destino 8.

Quem disse á estrella o caminho
Que ella pode seguir no céu? —
A fabricar o seu ninho
Como é q. a ave aprendeu? —
Quem disse á planta: — Floresce! —
E ao mudo verme q. tece
Sua mortalha de seda
Os fios q. lhe enreda? —

Ensinou alguem á abelha
Que no prado anda a zumbir
Se á flor branca ou se á vermelha
O seu mel pode ir pedir?...
Que eras tu meu ser querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não m'o disse ninguem.

Como a abelha corre ao prado,
Como no céu gira a estrella

Como a terra sente o seu fado
Por instincto se revella,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, q. em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

Gozo e dôr – 9 –

Se estou contente, querida,
Com esta immensa ternura
De q. me enche o teu amor?
– Não. Ai! não; falta-me a vida,
Succumbe-me a alma á ventura
O excesso do gozo é dôr.

Doe-me a alma, sim; e a tristeza
Vaga, inerte e sem motivo,
No coração me poisou,
Absorto em tua belleza,
Não sei se morro, ou se vivo,
Porq. a vida me parou.

E q. não ha ser bastante
Para este gozar sem fim

Que me innunda o coração.
Tremo debil e delirante
Sinto q. se exhaure em mim
Ou a vida - ou amor:

Perfume da rosa. 10.ª

Quem bebe, rosa, o perfume
Que no teu seio respira?..
Um anjo, um sylpho?.. ou q. Nume
Em esse aroma delira?..

Qual o D.s q. namorado,
De seu throno te ajoelha,
E esse nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha?..

Ninguem?.. Mentiste: essa fronte
Em languidez inclinada,
Q.m te fez assim pendente?..
Dize rosa namorada..

E a cor de purpura viva,
Como assim te desmaiou?

E essa palidez lasciva
Nas folhas quem t'as pintou?...

Os espinhos q. tam duros
Tinhas na rama lustrosa
Com q. magos escongiros
T'os desarmaram, ó rosa!

E porq. na haste a sentida
Tremes tanto ao pôr do sol?...
Porq. escutas tam sentida
O canto do rouxinol?...

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?...
Nas aguas d'esse retiro
Não espreitei a tua imagem?...

Não a vi afflicta, anciada...
— Era de prazer, ou de dôr?...—
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas flor.

Mas ai! se não fôr um nume
O q.e em teu seio delira,
Ha de matal-o o perfume
Que n'esse aroma respira.

14.ª — Rosa sem espinhos. —

Para todos tens carinhos,
A ninguem mostras rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Ai, não te entendo, flor!

Se a borboleta vaidosa
A desdem te vai beijar,
O q.e mais q.e lhe fazes, rosa,
É sorrir, e é corar.

E quando a sonsa da abelha,
Tam modesta em seu zumbir,
Te diz: "ó rosa vermelha,
Bem me podes acudir:

Deixa do calix divino

Uma gota só libar...
Deixa, é nectar peregrino,
Mel q. eu não sei fabricar!...

Tu de lastima sentida,
Da maldita compaixão
Tu á supplica attrahida
Saber teu dizes que não?

Tanta lastima e carinho
Tanto dó nenhum vejo!
És rosa e não tens espinhos!
Oh! q. te não entendo, flor.

Rosa pallida 12ª.

Rosa pallida em meu seio
Vem querida, sem receio
Esconder a afflicta côr
Oh! a mta. pobre rosa!
Cuida q. é menos formosa
Porq. desbotou de amor.

Pois sim... q.do livre, o vento

Sôlta d'alma o pensamento,
Fonte da tua inspiração
Tinhas no folha incendido
O sangue, calor, e a vida
Que orão teus ao coração.

Mais eras, mais mais bella.
Coitada, coitada della,
Ahi! era gentil!
Coração-na cintadenfs
Definaiar no que os beijos...
Valer mais mil vez, mil.

Inveja das outras flores!
Inveja deque ...?
Ou, q. viesto dos Ceus,
Comparar tua belleza
Ás filhas da natureza!
Ora não tinha a Deus!...

É vergonha!.. peg. vida lá
Vergonha de ser ...,
Vergonha de ser feliz!
Porq.?.. pisa em teu semblante

A palida côr da amante
Amiª ventura diz?..

Pois q.do eras tam vermelha
Não vinhas rasgões e a belha
Em torno de ti zumbir?..
Não ouvias entre as flores
Historias dos mil amores
Que não tinhas, repetir?..

Que hão de elles dizer agora?..
Que pendeste agora chora
E o teu languido olhar?..
Que a tez fina e delicada
Foi de ser muito beijada
Que te veio a descorar?..

Deixa-os: palida ou corada,
Ou isenta ou namorada,
Que brilhe no prado a flor,
Que fulga no ceu estrella
Ainda é ditosa e bella
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os e no meu seio
Vem querida sem receio

Vem a frente reclinar.
Que pallida estás! q. linda!
Oh! q. tomais te amo ainda
Des q. te fiz desbotar.

Bella d'Amor.

= 14.ª =

Pois essa luz scintillante
Que brilha no teu semblante
D'onde lhe vem o splendor?..
Não sentes no peito a chamma
Que nos meus suspiros se inflamma
E toda reluz d'Amor?..

Pois a celeste fragrancia
Que te sentes exhalar
Pois, dize, a ingenua elegancia
Com q. te vês ondular,
Como se balouça a flor
Na primavera em verdor,
Dize, dize: a natureza
Pode dar tal gentileza?..
Quem t'a deu senão Amor?..

Vê = te a esse espelho querida
Ai! vê-te por tua vida,
E diz se ha no ceu estrêlla,
Diz = me se ha no prado flor
Que Deus fizesse tam bella
Como te fez meu Amor.

Os 5 sentidos:

= 15ª =

São bellas – bem sei, essas estrêllas,
Mil côres – divinaes têem essas flores;
Mas eu não tenho, Amor, olhos para (ellas
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti – a ti!

Divina – ai! diurá será a voz q.^e affina
Saudosa na ramagem densa, umbrosa;
Será; mas eu do rouxinol q.^e trina
Não oiço a melodia
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti – a ti!

Respira – n'aura q.^e entre as flores gyra,
Celeste – incenso de perfume agreste.

Sei... não sinto: m.ª alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti - de ti!

Formosos - são os pomos saborosos,
É um mimo - de nectar o racimo:
E eu tenho fome e sêde... sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
É só de ti - de ti!

Macia - deve a relva luzidia
Do leito - ser por certo em q.e me deito.
Mas q.m, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar n'outras delicias
Senão em ti - em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti; por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A m.ª vida em ti;
E quando venha a morte

~~[illegible]~~

Irá morrer por ti. —

Rosa e Lirio - 16.ª

Anna

E formosa;

Bem sei

Porq. lhe chamão - flor

D'amor

Não sei.

...

A flor

Bem d'amor

E o lirio;

Tem mil no amor - ador

Na côr

O lirio.

Se o cheiro

E fagueiro

Na rosa

Se é de belleza - amor.

Primor

Anna;

~~Proellinio~~

Quartyrio

Que é amor

Pintado vejo - cor

E' ardor

E' o meu...

A rosa

E' formosa

Bem sei...

E era d'outra flor

D'amor

Não vi.

Cascaes - 18 -

Acabava ali alem

Nos derradeiros rochedos,

O deserto ainda serra

Por entre os negros penedos

Só deixa viver mesquinho

O triste pinheiro marinho.

Os ventos despregados

Lalravam rijo na rama

Os ceus turvos annuviados,

O Mar que ali rebramia...
Tudo ali era braveza
Da selvagem natureza.

Ahi, no quebro do monte,
Entre uns pinheiros mal-medrados,
Secco o rio, secca a fonte,
Hervas e mattos queimados,
Ahi nessa bruta serra,
Ahi foi um Ceu na terra.

Ali sós no mundo, sós,
Sto. Ds.! como vivemos!
Como eramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo mais esquecida!

Que longos beijos sem fim,
Que fallar d'olhos mudo!
Como ella vivia em mim
Como eu tinha nella tudo,
Mª. alma em sua razão
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias
Cantaram na eternidade:
Que essas horas fugidias
Seculos na intensidade,
Por millenios marca Deus
Q.do os dá aos q. são seus.

Ohh! dias foi etrago longos,
Longos, fundos que abebi
Do prazer a taça: — imagos
Depois... depois os senti
Os tragos q. ella deixou...
Mas como eu ninguem provou.

Ninguem: q. é preciso amar
Como eu amei — ser amado
Como eu fui; dar e tomar
Do outro ser q.to u ha dado,
Pôr a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida.

Ai ai! q. pesados annos
Tantos depois vieram!
Ohh! q. fataes desenganos,

Ramo, ramo, a que vieram?
Aqui?! Chorei no seio
Lá onde se acaba a terra!

Se a visse... não quero vêl-a:
Aquelle sitio encantado:
Esta outro não conhecel-o
Pois outros estarão mudados,
Mudados como eu, como elles
Que a vejo sem conhecel-a!

Sim ali acaba a terra
Mas já o Céu não começa,
Que aquella visão da terra
Sumiu-se na terra espessa,
E deixou-me a tua terra
Dessa agreste natureza.

Estes Sitios 19 —

Olha bem estes sitios queridos,
Vê-os bem neste olhar derradeiro...
Ai! o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades q. delles teremos...
Que saudades! ai, amor q. saudade!

Pois não sente, neste ar q̃ […]bebemos,
No acre cheiro da agreste ramagem,
Estar-se a alma a traçar liberdade
E a crescer da innocencia o vigor!
Oh! aqui, aqui só se engrinalda
Da pureza da mãi selvagem,
E contente aqui só vive amor.
O q̃ queimado das sallas lhe escalda
De suas azas o niveo candor,
E na frente arruçada lhe cresta
A innocencia infantil do pudor.
E oh! deixar taes delicias como esta!
E trocar este Ceu de ventura
Pelo inferno da escrava Cidade!
Vender alma e razão á impostura,
Ir saudar a mentira em sua côrte,
Ajoelhar em seu throno á vaidade —
Ter de rir nas angustias da morte,
Chamar vida ao terror da verdade...
Ah! não, não... nossa vida acabou.
Nossa vida aqui toda ficou:
Diz-lhe adeus neste olhar derradeiro,
Diz á sombra dos montes erguidos
Diz ao verde do triste pinheiro,

Diz-o a [illegible]o os sitios queridos
O[illegible] rude, feroz saudade,
Paraiso onde livres vivemos...
Oh! saudades q. delles teremos,
Que saudade: ai, amor q. saudade!

Não te amo. 20 -

Não te amo, quero-te: o amor vem d'alma
E eu n'alma - tenho a calma,
A calma - do jazigo...
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é a vida:
E a vida - nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai! não te amo, não.

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. És bella, e eu não te amo, ó bella
Quem ama a aziaga estrella
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, q. é forçado
De mau feitiço azado

Este indigno furor ...

Mas ah! não te amo, não.

E infame sou, porq. te quero; e tanto

Que de mim tenho espanto,

De ti medo e terror...

Mas amor!... não te amo, não.

Não És tu — 21 —

Era assim, tinha esse olhar,

A mma. graça, o mmo. ar,

Corava da mma. côr,

Aquella visão q. eu vi

Qdo. eu sonhava de amor,

Qdo. em sonhos me perdi.

Toda assim; o porte altivo,

O semblante pensativo,

E uma suave tristeza

Que por toda ella descia

Como um véo q. lhe envolvia,

Que adoçava a belleza.

Era assim o seu fallar,

Ingenuo e quasi vulgar,

Tinha o poder da razão

Que penetra, não seduz;

Não era fogo, era luz

Que me [illegible] ao coração:
Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rozas celestes,
Rozas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes:
Mas não és tu... ai! não és:
Toda a illusão se desfez.
Não és aquella q. eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lh'o senti.

Belleza - 22 -

Vem do amor a belleza
Como a luz vem da chama
É lei da natureza:
Queres ser bella – ama.
Formas d'encantar
Na tella o pincel
As pode pintar;
No bronze o buril
As sabe gravar,
E estatua gentil

Fazer o cruel
Da pedra mais dura…
Mas belleza é esso? Não, só formosura.
Surrindo entre dores
Ao filho q. adora
Inda antes do ver,
— Qual surri a aurora
Chorando as flores
Que estão por nascer —
A mão é a mais bella das obras de Ds.
Se ella ama!… o mais puro dos fogos do ceu
Lhe atica essa chama de luz cristalina,
E a luz divina
Que nunca mudou
E luz… E belleza
Em toda a pureza
Que Deus a creou.

Anjo És — 23 —

Anjo és tu, q. esse poder
Jamais o teve mulher,
Jamais o hade ter em mim.
Anjo és q. me domina
Teu ser o meu ser sem fim;
Ma. razão insolente

Ao teu [illegible]pricho se inclina;
E m.ta alma forte, e ardente,
Que nenhum jugo respeita,
Covarde m.te sujeita
Anda humilde a teu poder
Anjo és tu, não és mulher.
Anjo ~~és~~ mas q.l anjo és tu?..
Em tua fronte anuviada
Não vejo a c'rôa nevada
Das alvas rosas do céu.
Em teu seio ardente e nú
Não vejo ondear o véu
Com q.e o sofrego pudor
Vela os mysterios d'amor.
Teus olhos tem negra côr,
Côr de noites sem estrella;
A chama é vivaz e é bella,
Mas luz não tem. — Que anjo és tu?..
Em nome de q.m vieste?..
Paz ou guerra me trouxeste
De Jehovah ou Belzebu?..
Não respondes — e em teus braços
Com frenéticos abraços
Me tens apertado, estreito!..

Isto q. me caë no peito
Que foi ? Lagrima ? – Escaldou-me –
Queima, abrasa, ulcera – Doe-me,
Doe-me até o seio maldito,
Que este amor q. me devora
E já fogo de precito,
Fogo eterno, q. em ~~[illegible]~~ má hora
Trouxeste de lá... De onde ?
Em q. mysterios se escondi
Teu fatal estranho ser !
Cujo és tu ou mulher ?

Vibora – 24 –

Como a vibora gerada,
No coração se formou
Este amor amaldiçoado
Que a nascença lh'espedaçou.

Para elle nascer morri;
E em meu cadaver nutrido,
Foi a vida q. eu perdi
A vida q. tem vivido.

Barca bella – 25

Pescador da barca bella,
Onde vais pescar com ella

Oh [illegible]cador!
[illegible]ao vês q. a ultima estrella
No ceu nublado se vela?
Colhe a vela
Oh pescador!
Deita o lanço com cautella,
Que a sereia canta bella...
Mas cautela
Oh pescador!
Não se enrede a rede nella,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la
Oh pescador!
Pescador da barca bella
Inda é tempo foge della
Foge della
Oh pescador!

A Côrôa. 26

Bem sei q. é toda de flores
Essa corôa de amores
Que na frente vae cingir;
Mas é corôa — é reinado;
E o posto mais arriscado
Não se pode hoje subir.

Meus reinos pequeninos,
Os vassallos se revoltam,
Parte ou cede da a ley.
Quem a de conter, domal-os,
Se são tantos os vassallos,
E um o pobre do rei?...

...

Não vejo rainha bella,
Para fugir dessa estrella
Que os reis persegue sem dó,
Mais q. um meio-fallo unico:
É pôr limites ao imperio
E ter um vassallo só.

Lira 27.

Por todas q. tas estrellas
Tem o Ceu q. passão mais,
Pelas flores virginaes
Deq. se coroão donzellas,
Pelas lagrimas singellas
Que o primeiro amor derrama,
Por aquella etherea chama
Que mão de D.s acendeu
E na terra illumina
Q.to ha na terra do Ceu,

Por tu [illegible] eu queria
Q.to eu sabia querer!
E por tudo q.to eu crio
A t.i me era doce crer!
Bem fadada seja vida
Que por estas folhas brancas
Sua historia hoje escrever!
Que as aves lhe venhaõ mansas
E com aras o prazer
Esta sina q. lhe dou,
Bruxa naõ m'a adivinhou,
Nem di onde se m'a ensinou:
Sei-a eu por meu condaõ
Em seus olhos innocentes,
Transparentes — transparentes
Até dentro do coraçaõ. —

Retrato — 3.º —

Ah! depressa o meu retrato
Que lhe eu queria aqui por!
Sem medo q. lhe deixei
Deste livro de primor?..
Pois saiba q. por despique
Eu sei tambem ser pintor.
Com esta penna por pincel

E a tinta do meu tinteiro;
Vou fazer o seu retrato.
Aqui já de corpo inteiro.
Vamos a isto — sentada
N'a cadeira "moyen-age"
E o cabello em "chatelaines";
As mangas soltas — E o traje
Em largas pregas negras
Caia o veludo em arte,
De si com desdem regio
Co' o pésinho o afaste...
N'essa attitude! Está bem:
Cá gora mais um geitinho;
Ainda a cabeça a um lado
E o lindo pé no banquinho.
"Aqui estão os contornos, não estes
Nem d'aquerre lh'os tiro melhor.
Este é ... , este é "apoplé", eu lh'o pinto,
E o trajar q. lhe fica melhor.
Vamos agora ao difficil
Tirar feições perfeição;
Entendel-as q. é o ponto,
E dar-lhe a justa expressão.

os olhos não em da noite, 12
[illegible] noite em seu começar,
Q.e ainda é joven, incerta,
E o dia vem de acabar;
Tem uma luz q. vae longe,
Que faz gosto de queimar:
É uma especie de lume
Que serve só de abrazar.
Na bocca ha um sorriso amoros.
Amavel é... mas queria
Saber se é toda bondade
Ou se é meio zombaria.
Ninguem não diz q. o retrato
Incompleto ficará:
Que muitos duas feições
Todo o ser, toda a alma está.
Pois fiel como um espelho
É tudo que nelle diz;
E o q. lhe falta — q. é muito, —
Tambem o espelho o não diz.

As duas rosas — 32 —

Sabe se era mais formosa
A vermelha ou branca,
As deu saculos a quem

Em Inglaterra

Paz entre as duas, jamais
Reinar ambas as rivaes.
Tambem não; e uma ceder
Como pode ser?...

Fallei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
Eil-as aqui bem iguaes
Mas não rivaes.

Atei-as em laço estreito
Que artista fui com q. geito!
Oh! q. lindas são, q. amores
Assim as flores!

Dirão q. é copiar, — tambem sei
Que todo inteiro roubei
Meu pensam.to brilhante
Do teu semblante...

Sim! Mas é tão bello
Que lhe deem esse modello,
Do meu quadro, — na verdade
Sem vaidade.

Vós e aroma — 33

Abrio rosa no prado:
Perfume nem vós não tem,

[illegible] é o ramo agitado
O aroma é da flor q. vem.

Assim, tornem-me essas flores
Que uma a uma eu vi murchar
Restituaõ-me os verdores
Dos ramos q. eu vi seccar —

E em torrentes de harmonia
M.a alma se exhalará,
Esta alma q. mudo e fria
Nem sabe se existe já.

Fim.

A Délia

Cuidas tu q. a rosa chora,
Que é tamanha a sua dôr,
Quando, já passada a aurora,
O sol, ardente d'amor,
Com seus beijos a devora?
— Eeché virgineo ~~pudor~~ pudor
O q. sinda é botaõ agora
E amanhaã hade ser flor;
Mas ella é rosa muita hora,
Roza no aroma e na côr.
— Para amanhaã o prazer
Deixe q. dirabanhan ~~[illegible]~~ viver.
Hoje, Délia, é nossa a vida;
Amanhaã... o q. hade ser?
A hora de amor perdida
Quem sabe se hade volver?
Naõ desperdices, querida,
A duvidar e a soffrer
O q. é mal gasto da vida
Quando o naõ gasta o prazer.

Gonçalves

O
CONDE
NOVION